

O conhecimento literário como linguagem estética do ser

Literary knowledge as aesthetic language of being

Lucas Fernando Gonçalves

Universidade de Brasília, Doutorando em Literatura
lucas00literatura@gmail.com

Palavras-chave: Epistemologia, estética, hermenêutica, Saramago, teoria crítica, ontologia.
Keywords: Epistemology, aesthetics, hermeneutics, Saramago, critical theory, ontology.

1. Fundamentação Metodológica

A Epistemologia do Romance é uma proposta metodológica que visa estudar, teorizar e pesquisar o texto literário, como condição de possibilidade, para compreender acerca da existência humana. Compreendendo que o “romancista não é nem historiador e nem profeta: ele é explorador da existência” (Kundera, 1988, p. 43).

Percebemos a articulação do romancista com o movimento de um espaço e de um tempo que permite ao autor olhar uma dada época por meio de seu objeto de criação, o modo como se dá a relação do escritor com sua contemporaneidade. Vale ressaltar a proposição, o modelo de análise, da Epistemologia do Romance:

Quero mostrar a eficácia das colocações epistemológicas para a teoria do romance; falo da genética do texto literário. Proponho uma epistemologia com sensibilidade histórica, tendo como objetivo declarado, comum à dimensão filosófica e histórica, esclarecer o processo interno de elaboração da teoria que prescreve a existência de um romance ou de uma obra literária. Fazendo com que progressivamente, com o auxílio de aspectos sociológicos, antropológicos e culturais, fiquem esclarecidos e entendidos os procedimentos formais contidos na gênese da criação literária, seja do ponto de vista das condições genéticas, seja do ponto de vista da história da sua constituição. (Barroso, 2014, p. 290)

Georg Lukács, em sua obra *Teoria do Romance*, 1962, destaca que a estrutura romanesca se constitui como uma complexidade problemática, pois o gênero romanesco nasce no período da Modernidade. Como consequência, o ser humano torna-se um sujeito; isso gera um abismo entre indivíduo e sociedade. Na pers-

pectiva de Thomas Piketty, nos estudos sobre política econômica, é salientado a importância da literatura como leitura de uma dada época e cultura.

O cinema e a literatura, em particular os romances do século XIX, trazem informações extremamente precisas sobre os padrões de vida e níveis de fortuna dos diferentes grupos sociais e revelam a estrutura profunda da desigualdade social, o modo como a disparidade se justifica e influencia a vida de cada um. Os romances de Jane Austen e de Honoré de Balzac nos oferecem um retrato impressionante da distribuição da riqueza no Reino Unido e na França nos anos 1790-1830. Os dois escritores possuíam um conhecimento íntimo da hierarquia da riqueza em suas sociedades. Eles compreendiam os contornos ocultos da riqueza [...]. Austen, Balzac e outros escritores da época desnudaram os meandros da desigualdade com um poder evocativo e uma verossimilhança que nenhuma análise teórica ou estatística seria capaz de alcançar. (Piketty, 2014, p. 10)

Partindo do mesmo pressuposto, de Thomas Piketty, em avaliar a importância da literatura como condição hermenêutica de compreender o drama do sujeito moderno em um dado período-cultural. A nossa proposta epistemológica do romance é fundamentada na Filosofia, de modo que:

Interligando os componentes estéticos, hermenêuticos e epistemológicos, três importantes braços da Filosofia, as reflexões em torno da Epistemologia do Romance, que aqui se encaminham, passam pela compreensão de ser o romance literário um solo fecundo para se conhecer e refletir acerca da condição humana. (Barroso, 2015, p. 2)

Ao mesmo tempo em que “a leitura do literário é um elemento de transformação para quem lê” (Barroso, 2015, p. 31). A pesquisa parte de três pressupostos: epistemológico, estético e hermenêutico. O método Epistemologia do Romance é “pautada numa perspectiva que entende o texto artístico como criação que envolve sensibilidade e razão, amparado por discussões de cunho literário, histórico, filosófico-existencial-estético” (Barroso, 2014, p. 8).

A etimologia da palavra epistemologia advém do grego, *episteme* (επιστήμη), que significa conhecimento ou ciência. Mas, somente na modernidade é que a epistemologia se tornou uma disciplina consolidada em forma de método.

Entretanto, o termo apresenta divergência entre as culturas francesa e inglesa. De modo que, na perspectiva de Bertrand Russel, no ensaio de 1894, em *Fundamentos da Geometria*, identificamos *epistemology* como teoria do conhecimento.

Ao passo que os enciclopedistas, Diderot e D’Alembert, compreenderam *epistemologie* como Filosofia e História das Ciências. “Temos dessas questões que o conceito de epistemologia esteve longe de ser entendida de modo consensual no transcurso da modernidade” (Barroso, 2015, p. 7). “Contudo, é a partir da definição de poesia e literatura como atividades artísticas e racionais, apresentada nos manuais enciclopédicos do século XVIII por Denis Diderot que encontramos as condições para pensar em Filosofia e História da Literatura” (Barroso, 2015, p. 9).

É com a tradição iluminista francesa que ancoramos o fundamento de pensar em pesquisar os elementos para uma epistemologia do romance. Compreendendo a obra literária como atividade racional. Tendo como objetivo, pesquisar,

as regularidades formais, bem como as escolhas estéticas que fundamentam o texto literário e a invariância da obra de algum autor específico.

2. Literatura: pensamento da sensibilidade

Representar o mundo não é algo facultativo, que podemos ou não fazer. Segundo Todorov (2013), em entrevista concedida ao CPFL CULTURA, representamos o tempo todo, do nascimento até a morte. Percebemos o mundo ao nosso redor e fazemos representações em nosso espírito. A arte figurativa e a literatura são uma espécie de condensação, de quintessência dessa característica comum a todos. Nós fazemos narrativas sem parar, contamos nossa própria vida a nós mesmos para saber o que vivemos. A nossa diferença de narrar em relação aos escritores está somente no grau da elaboração de vocábulos e não na natureza, pois nesta permanecemos com a mesma necessidade linguística, ou seja, de tornar vivas as experiências da nossa condição humana por meio da palavra (linguagem). Somos todos fabricantes de narrativas; é por meio da linguagem que procuramos encontrar as mais justas palavras que possam descrever nossas experiências, para designar o vivido como memória (registro histórico). A história se perpetua por meio das palavras que narramos um ao outro; por meio da linguagem nós realizamos a nossa morada ontológica.

[...] a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano. (Todorov, 2012, p. 24)

Vivenciamos – segundo Lyotard (2013) – uma crise de metanarrativas própria ao contexto da metade final do século XX, com o que sofreremos a crise antropológica de não nos reconhecermos dentro de um único *locus* de identidade simbólica humana. Em outras palavras, segundo o raciocínio de Heidegger, “[a] questão o que é o homem precisa ter seu ponto de partida lá onde, segundo a aparência mais rudimentar, mesmo a mera interpelação discursiva e a mera denominação do ente pelo homem se alça como uma humanização de todo ente: a questão precisa começar pela *linguagem*” (Heidegger, 2007, p. 281).

A literatura possui uma linguagem que tem uma carga específica de afetividade, um modo de ser da subjetividade das criaturas do mundo real convencionadas como personagens, ou seja, concordando com Deleuze, a arte, neste caso específico a literatura, é o pensamento da sensibilidade (Deleuze, 1992).

A filosofia, por sua vez, se caracteriza como pensamento de conceitos, e a ciência como pensamento da funcionalidade. Deleuze caracteriza três formas de pensamento, todos eles com o seu poder criativo. Segundo Roberto Machado, “criar, em todos esses domínios, é sempre ter uma ideia. Pensar é ter uma nova ideia” (Machado, 2010 p. 14). Por essa razão, o pensamento da filosofia “não se

restringe à consideração do texto filosófico: fazer filosofia é muito mais do que repetir ou repensar os filósofos” (Machado, 2010 p. 11).

Tal abrangência nos impele à importância de pesquisarmos o teor filosófico do texto literário dos romancistas. Nossa leitura, portanto, se inscreve no diálogo entre o pensamento de conceitos e o pensamento da sensibilidade.

Interligando os componentes estéticos, hermenêuticos e epistemológicos, três importantes braços da Filosofia, as reflexões em torno da Epistemologia do Romance, que aqui se encaminham, passam pela compreensão de ser o romance literário um solo fecundo para se conhecer e refletir acerca da condição humana. Mas ao se tomar o texto ficcional como espaço para o conhecimento, esbarra-se na incontornável dicotomia que há séculos perpassou as discussões acerca da relação com o objeto estético: razão *versus* sensação. (Barroso, 2015, p. 2)

Para deslindarmos a literatura com o substrato filosófico, valemo-nos, no âmbito das categorias da narrativa e dos elementos da teoria literária, de aspectos concernentes à construção das personagens, da elaboração da diegese e do estudo do ponto de vista romanesco, além de termos no horizonte a expressiva fortuna crítica de cada autor, estudado, em nosso grupo de pesquisa¹.

3 A Ciência do Espírito

Lendo *A construção do mundo histórico nas ciências humanas*, 1911, de Wilhem Dilthey, constatamos “uma tentativa divergente de conhecer a essência das ciências humanas e de delimitá-las diante das ciências naturais” (Dilthey, 2010, p. 19). Em sua concepção o espírito das ciências humanas é a linguagem da compreensão, dada por meio da interpretação (hermenêutica), de algum fenômeno vivencial. Ao passo que nas ciências naturais explicam os fenômenos físicos, de seus objetos de pesquisa, por meio de descrições:

Aquilo que fomos um dia e o modo como nos desenvolvemos e nos tornamos aquilo que somos são experimentados a partir da maneira como agimos, de que planos de vida outrora concebemos, da forma como desempenhamos uma profissão, de velhas cartas desaparecidas e de juízos sobre nós que foram enunciados há muito tempo. Em suma, é pelo processo da compreensão que a vida é esclarecida a si mesma em suas profundezas e, todavia, só compreendemos a nós mesmos e aos outros na medida em que inscrevemos nossa vida vivenciada em todo tipo de expressão de uma vida própria e alheia. Desse modo, a conexão entre vivência, expressão e compreensão mostra-se por toda parte como o próprio procedimento, por meio do qual a humanidade existe para nós como objeto das ciências humanas. As ciências humanas estão fundadas, pois, nessa conexão entre vida, expressão e compreensão. (Dilthey, 2010, p. 29)

¹ Em 2007 se constituiu, sistematicamente, o grupo estudos Epistemologia do Romance, coordenado pelo Professor Dr. Wilton Barroso Filho, nos espaços acadêmicos da Universidade de Brasília, hoje com vários trabalhos publicados, dissertações e teses defendidas. Ver melhor em <http://epistemologiadoromance.blogspot.com.br/>.

O trabalho filosófico de Dilthey foi abordar as ciências humanas como a ciência, propriamente dita, do espírito. Tendo em vista, a diferenciação que o autor faz, observando as ciências naturais como o estudo do fato físico.

Deste modo, a Epistemologia do Romance se inscreve como parte das ciências do espírito. A nossa proposta metodológica, unindo filosofia com literatura, compreende que as escolhas estéticas de uma obra pode nos proporcionar um tipo de conhecimento e sua única razão de ser seria descobrir o que somente um romance pode descobrir, algo ainda desconhecido da natureza humana, da existência: “O conhecimento é a única moral do romance” (Kundera, 1986, p. 11). Reconhecemos, na voz do narrador e dos diálogos entre os personagens, a instância importante de reflexão filosófica do texto literário.

A Epistemologia do Romance pode ser compreendida como um estudo teórico que procura legitimar o texto literário romanesco enquanto espaço possibilitador de conhecimentos acerca da existência. A proposta de elaboração de uma teoria metodológica para a exploração dos saberes presentes no gênero literário-romanesco foi primeiramente formulada no artigo *Elementos para uma epistemologia do romance*, de Wilton Barroso, em 2003. (Barroso, 2015, p. 1)

Na pesquisa, de Wilton Barroso, há o pressuposto de que na arte literária existe a racionalidade como elemento primordial para a composição da obra. Elemento este que é compreendido como a invariância da obra de algum autor. Ou seja, “no fazer literário de modo geral, há algo que não se modifica, que é perseguido pelo escritor e que é reconhecido pelo leitor” (Barroso, 2015, p. 9). Esta invariância, o elemento que não muda, que persegue toda a obra de um autor é a escolha estética do escritor e o fundamento de sua literatura:

Os estudos epistemológicos desenvolvidos no âmbito do romance literário se encaminham, então, no sentido de considerar que, o reconhecimento da obra de um autor, enquanto conjunto dar-se-á a partir do reconhecimento de regularidades formais, bem como de escolhas estéticas os quais, pela recorrência – pode ser um personagem, uma situação, uma construção formal do texto, a opção pelo narrador... –, passam a constituir-se em fundamentos da obra. (Barroso, 2015, p. 10)

Podemos citar, como exemplo, o aspecto do *Don Juanismo* presente na literatura de Milan Kundera², a degradação dos valores, o *niilismo*, como tema fundamental da obra de Hermann Broch³ e a metáfora da *estátua e a pedra*, decorrente na lite-

² A pesquisadora Maria Veralice Barroso, membra do grupo de pesquisa Epistemologia do Romance/UnB, defendeu a tese *A obra romanesca de Milan Kundera: um projeto estético conduzido pela ação do Don Juan*.

³ É importante ressaltar duas pesquisas realizadas pelo método epistemologia do romance. A dissertação *Um olhar sobre a degradação dos valores humanos a partir da obra Os Sonâmbulos, de Hermann Broch* e a tese *Entre a criação literária e o conhecimento: aproximações epistemológicas na obra de Hermann Broch e as três faces da degradação dos valores*, ambos de autoria de Itamar Rodrigues Paulino e defendidos na UnB sob a orientação do professor doutor Wilton Barroso.

ratura, de José Saramago⁴. O trabalho da Epistemologia do Romance é encontrar, os elementos que compõe, a arquitetura literária⁵ de um autor com vasta obra.

Em José Saramago, por exemplo, coloca-nos diante das proposições da filosofia iluminista apresentadas por Immanuel Kant que diz: “*Sapere aude!* Tem a coragem de te servires do teu próprio entendimento! Eis a palavra de ordem do Iluminismo” (Kant, 2002, p. 6). A posição iluminista de Saramago a respeito da contemporaneidade era a da constatação da cegueira racional em que vivem muitos de nós humanos na própria sociedade dita globalizada. Numa entrevista para a *Folha de São Paulo*, o escritor exorta:

[...] o tema da cegueira tem muito mais que ver com uma convicção minha, que nós, no que toca a razão, estamos cegos. Uma vez que decidimos que somos os únicos seres racionais na face da Terra, o que foi uma decisão nossa, ninguém veio cá de fora, vindo de outro planeta ou de outro sistema, dizer que nós somos racionais. No meu entender, nós não usamos racionalmente a razão. É um pouco como se eu dissesse que nós somos cegos da razão. Essa evidência é que me levou, metaforicamente, a imaginar um tipo de cegueira, que no fundo, existe. Vou criar um mundo de cegos porque nós vivemos efetivamente num mundo de cegos. Nós estamos todos cegos. Cegos da razão. A razão não se comporta racionalmente, o que é uma forma de cegueira. (Saramago, 2010, pp. 133-134)

Saramago apresentou, na entrevista, o sentido crítico de ter escrito *O Ensaio Sobre a Cegueira*, 1995, definindo a filosofia iluminista como sua posição pessoal na conversa com Clara Ferreira: “O meu racionalismo tem uma raiz volteireana. Esse ceticismo, essa ironia e essa espécie de compaixão pela loucura dos homens vêm daí” (Saramago, 2010, p. 133).

O discurso literário de Saramago se articula em observar criticamente a irracional vida moderna contemporânea, assemelhando-se ao argumento cético de Kant: “pois, se fizer a pergunta – vivemos nós numa época esclarecida? – a resposta é: não” (Kant, 2002, p. 10). Os termos: esclarecimento⁶, ilustração e século das luzes são sinônimos do conceito de Iluminismo.

Foucault, ao analisar o texto de Kant, elaborou o conceito de *ontologia do presente*, constatando que um pensador iluminista é aquele sujeito crítico do seu próprio tempo histórico. Na visão de Foucault “o enraizamento na *Aufklärung* de um tipo de interrogação filosófica que problematiza simultaneamente a relação com o presente, o modo de ser histórico e a constituição de si mesmo como sujeito autônomo” (Foucault, 2009, pp. 344-345). Ou seja, a atitude do iluminista é de averiguar as construções históricas que fez por formar a subjetividade de cada

⁴ Publicados pela primeira vez no Brasil, pela ed.ufpa, em coedição com a Fundação José Saramago, *Da Estátua à Pedra e Discursos de Estocolmo* reúne textos de José Saramago sobre a sua própria trajetória literária. A metáfora escultórica define as duas grandes fases de sua produção: a primeira delas, metaforizada pela estátua, se estende até *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, romance que encerra uma importante mudança de perspectiva no ofício do escritor, que então passa a se dedicar ao substrato da estátua, a pedra.

⁵ Caso prefiram: pode ser chamado também de *Projeto Estético*.

⁶ O conceito escrito em alemão por Kant é: *Aufklärung*.

indivíduo numa dada cultura. Nesse sentido, a ontologia do presente é o processo crítico em que esclarece à sociedade a constituição subjetiva dos indivíduos.

Tendo em vista o reconhecimento de Saramago como escritor-cidadão de valores iluministas, fica evidente que seus romances caracterizam a preocupação latente com a vida contemporânea, bem como aquilo que foi demarcado pela História. A atitude iluminista de Saramago é de engajamento político na arte literária, pois na sua visão “o escritor é um homem do seu tempo ou não é. O que escreve será sempre ação política ou omissão” (Saramago, 2010, p. 192). Sem ignorar o próprio momento em que vive, Saramago esclarece para o jornal espanhol *El País*, em 1994, a sua postura iluminista da ontologia do presente ao abordar fatos do passado:

Nos meus livros, a História não aparece como reconstrução arqueológica, como se eu tivesse viajado ao passado, tirado uma fotografia e relatasse o que mostra essa imagem. O que eu faço não tem nada que ver com isso. Eu sei ou penso saber o que aconteceu antes e vou examiná-los à luz do tempo em que vivo. (Saramago, 2010, p. 256)

Na época coeva vemos a subjetividade atrelada ao “ser contemporâneo”, conforme proposto por Giorgio Agamben. O que está em jogo são a percepção e a compreensão da linguagem como elementos do fazer crítico que permitem ao sujeito lograr “a pena nas trevas do presente” (Agamben, 2009, p. 63). Giorgio Agamben, quando pergunta “o que significa ser contemporâneo?”, mostra a intrínseca relação do sujeito com o tempo, o filósofo destaca:

Aquele que não coincide perfeitamente com este [tempo], nem está adequado às suas pretensões é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e de apreender o seu tempo. (Agamben, 2009, p. 58)

Ser contemporâneo, portanto, está diretamente relacionado ao tempo corrente, é pertencer a esse momento e concomitantemente não aceitá-lo de pronto. Saramago atuou como sujeito contemporâneo, em certa medida, realizando um inconformismo, isto é, sua condição de deslocamento implicou uma atitude de intervenção: “sou um homem doutro tempo e deste tempo” (Saramago, 2010, p. 202). Arriscamos, assim, uma primeira hipótese: o sujeito contemporâneo é por excelência um sujeito que intervém em seu tempo, conforme fez Saramago e outros clássicos da literatura.

Pertencer ao seu tempo implica, de imediato, exercer uma função diante da sociedade, pois nossas ações estão intrinsecamente ligadas ao decurso da história. Vale ressaltar que refletimos essencialmente sobre a condição da linguagem como mecanismo de constituição do ser, o que implica pensar o sujeito como portador de um discurso e, por conseguinte, sua atitude de interlocutor que se comunica com outrem, combinando sentido e referência. No jornal português *Extra*, Saramago observa que seus escritos não têm pretensão de entretenimento do espetáculo, mas de despertar transformação na consciência dos seus leitores:

“na minha opinião, ser escritor não é apenas escrever livros, é muito mais uma atitude perante a vida, uma exigência e uma intervenção” (Saramago, 2010, p. 191).

Nesse sentido, recuperamos a noção de teoria crítica, apresentada por Max Horkheimer em sua obra: *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*, de 1937. Porém, é preciso destacar que o fundamento e origem da teoria crítica não advém da Escola de Frankfurt, pois conforme a obra de Horkheimer, teoria crítica é todo aquele pensamento que tem por base a filosofia dialética de Karl Marx. O pai do materialismo-dialético foi o primeiro a elaborar estudos sobre os diferentes processos históricos da realização do trabalho humano em corroboração dos mais diferentes aspectos ideológicos que condicionaram ou alienaram os indivíduos em seu modo de agir social.

Horkheimer afirma ser tarefa do teórico crítico a capacidade epistemológica de analisar as ideologias que demarcam o seu próprio momento contemporâneo. Mediante o posicionamento intelectual do teórico crítico frente à realidade em que vive, fica inevitável sua posição política diante dos modelos dominadores de exploração. Assim, “a tarefa do teórico crítico é superar a tensão entre a sua compreensão e a humanidade oprimida, para qual ele pensa” (Horkheimer, 1975, p. 148).

Concebemos a tese de teórico crítico em estreita articulação com a pessoa José Saramago, seja no seu modo de cidadão ou de escritor, como ele costumava se caracterizar. Expandimos assim, a ideia de que teóricos críticos não são somente os pensadores provenientes da Escola de Frankfurt, pois o argumento de Horkheimer de que teoria crítica é todo aquela que tem por base os textos de Marx, possibilita-nos o conveniente reconhecimento do pensamento saramaguiano como teoria crítica:

Eu penso aquilo que penso e sou aquilo que sou e do ponto de vista político, ideológico e filosófico isso está muito claro nos meus livros. Mas sem eu tivesse de preocupar-me com uma frase do Engels – e o Engels não era qualquer pessoa! –, há uma carta em que ele responde a uma jovem escritora que lhe pedia conselhos e em que diz “Quando menos se notar a ideologia melhor”. Essa frase podia-me ser aplicada. (Saramago, 2010, p. 355)

Para pensarmos essa relação de teórico crítico na literatura saramaguiana, recuperamos uma fala de uma entrevista sua, concedida a Carlos Reis, publicada em 1998: “A literatura pode viver até de uma forma conflituosa com a ideologia. O que não pode é viver fora da ideologia” (Saramago, 2010, p. 184). O escritor literário “é o que faz inevitavelmente pensar. É a palavra escrita, a que está no livro, a que faz pensar” (Saramago, 2010, p. 185).

Podemos reconhecer, deste modo, que faz parte da arquitetura literária de Saramago o empenho de realizar a condição de dar o que pensar na vida dos seus leitores. Aquela perspicácia crítica, própria de alguém cunhado na sensibilidade racional de observador da própria história, é realizada no decorrer das suas obras frente às fragilidades ideológicas da contemporaneidade.

No livro *A Alma e as Formas*, escrito por Georg Lukács em 1911, destaca-se o fato de o ensaio ser irmão da literatura, pois ambos são autônomos frente

aos discursos ditos científicos. Theodor Adorno, não pensa muito diferente de Lukács, pois concebe o ensaio como autonomia estética:

[...] continua sendo o que foi desde o início, a forma crítica *par excellence*; mais precisamente, enquanto crítica imanente de configurações espirituais e confrontação daquilo que elas são com o seu conceito, o ensaio é crítica da ideologia. (Adorno, 2012, p. 38)

Após esboçarmos a ideia de que a literatura de Saramago tenha em sua gênese estética uma Teoria Crítica que contribua aos leitores um conhecimento social estético, ou seja, uma epistemologia da sensibilidade, podemos concluir que o espírito da Epistemologia do Romance é realizar a hermenêutica do *ser*, em que Heidegger julga os filósofos terem esquecido, e que Kundera afirma estar presente nos romances desde de Cervantes.

[...] todos os grandes temas existenciais que Heidegger analisa em *Ser e tempo*, julgando-os abandonados por toda a filosofia europeia anterior, foram desvendados, mostrados, esclarecidos por quatro séculos de romance. Um por um, o romance descobriu, a sua própria maneira, por sua própria lógica, os diferentes aspectos da existência: com os contemporâneos de Cervantes, ele se pergunta o que é a aventura; com Samuel Richardson, começa a examinar “o que se passa no interior”, a desvendar a vida secreta dos sentimentos; com Balzac, descobre o enraizamento do homem na História; com Flaubert, explora a terra até então incógnita do cotidiano; com Tolstói, inclina-se sobre a intervenção do irracional nas decisões e no comportamento humanos. Ele sonda o tempo: o inapreensível momento passado com Marcel Proust; o inapreensível momento presente com James Joyce. Interroga, com Thomas Mann, o papel dos mitos que, vindos do começo dos tempos, teleguiam nossos passos. Et cætera, et cætera. (Kundera, 1988, pp. 12-13)

A questão do sentido do ser, na concepção de Kundera, está presente nos romancistas.

4. Memória do Ser

Trinta e dois anos depois, da publicação de *Ser e Tempo*, Heidegger já havia dito no texto *A Caminho da Linguagem*, 1959, sobre a importância de compreendermos o ser, esquecido pelos filósofos, na literatura dos poetas. Entendo que “a prosa é tão poética e, por isso, tão rara como a poesia” (Heidegger, 2011, p. 24). Ou seja, a história da literatura, com os poetas e romancistas, tem muito a nos dizer sobre o *dasein*.

No romance *A Insustentável Leveza do Ser* é abordada toda a trama da *memória poética* do personagem Tomas e dialogado com o conceito filosófico do *eterno retorno*. “O eterno retorno é uma idéia misteriosa, e Nietzsche, com essa idéia, colocou muitos filósofos em dificuldade: pensar que um dia tudo vai se repetir tal como foi vivido e que essa repetição ainda vai se repetir indefinidamente! O que significa esse mito insensato?” (Kundera, 1985, p. 9).

Em seu livro *Gaia Ciência* no aforismo 341, pela primeira vez Nietzsche anuncia seu pensamento abissal: *O eterno retorno*. No texto intitulado *O peso mais pesado*, a hipótese aparece anunciada ao leitor:

O peso mais pesado. – E se, um dia ou uma noite, um demônio se viesse introduzir na tua suprema solidão e te disse-se: “Esta existência, tal como a levas e a levaste até aqui, vai-te ser necessário recomeça-la sem cessar; sem nada de novo; muito pelo contrário! A menor dor, o menor prazer, o menor pensamento, o menor suspiro, tudo o que pertence à vida voltará ainda a repetir-se, tudo o que nela há de indizivelmente grande e de indizivelmente pequeno, tudo voltará a acontecer, e voltará a verificar-se na mesma ordem, seguindo a mesma impiedosa sucessão... esta aranha também voltará a aparecer, este lugar entre as árvores, e este instante, e eu também! A eterna ampulheta da vida será invertida sem descanso, e tu com ela, ínfima poeira das poeiras! ...” Não te lançarias por terra, rangendo os dentes e amaldiçoando esse demônio? A menos que já tenhas vivido um instante prodigioso em que lhe responderias: Tú és um Deus; nunca ouvi palavras tão divinas! Se este pensamento te dominasse, talvez te transformasse e talvez te aniquilasse; havias de te perguntar a propósito de tudo: “Queres isto? E quere-lo outra vez? Uma vez sempre? Até ao infinito?” E esta questão pesaria sobre ti com um peso decisivo e terrível! Ou então, ah! Como será necessário que te ames a ti próprio e que ames a vida para nunca mais desejar outra coisa além dessa suprema confirmação. (Nietzsche, 2001, p. 219)

Nietzsche convida ao leitor a pensar na possibilidade de que cada ato que ele escolher no presente, ele estará escolhendo para sempre, cada minuto grandioso e cada minuto insignificante, a menor dor e o menor prazer, tudo isso como se fosse voltar eternamente na mesma ordem. Pois, como escreve Heidegger:

Isso é o que há de mais pesado e o que há de próprio à doutrina do eterno retorno, que a eternidade *esteja* no instante, que o instante não seja o agora fugaz, que não seja um momento apenas escorregando e passando ao largo de um certo espectador, mas sim a colisão de futuro e passado. Nessa colisão, o instante vem até si mesmo. Ele determina como tudo retorna. (Heidegger, 2007, p. 241)

O peso da vida está na contingência de nossas escolhas, pois ao tratar da temática do *eterno retorno*, o autor está na verdade questionando a possibilidade de encontrarmos ou instaurarmos em nós algo que faça por fundamentar o sentido da vida. “Mas qual é o fundamento do ser? Deus? A humanidade? A luta? O amor? O homem? A mulher?” (Kundera, 1895, p. 259). A organicidade da literatura de Kundera celebra a emblemática problemática do sujeito na vida moderna.

O processo segundo o qual foi concebida a forma interna do romance é a peregrinação do indivíduo rumo a si mesmo, o caminho desde o opaco cativo na realidade simplesmente existente, em si heterogênea e vazia de sentido para o indivíduo, rumo ao claro autoconhecimento. Depois da conquista desse autoconhecimento, o ideal encontrado irradia-se como sentido vital na imanência da vida, mas a discrepância entre ser e dever-ser não é superada, e tampouco poderá sê-lo na esfera em que tal se desenrola, a esfera vital do romance; só é possível alcançar um máximo de aproximação, uma profunda e intensa iluminação do homem pelo sentido de sua vida. A imanência do sentido exigida pela forma é realizada pela

sua experiência de que esse mero vislumbre do sentido é o máximo que a vida tem para dar, a única coisa digna do investimento de toda uma vida, a única coisa pela qual essa luta vale a pena. Esse processo abrange toda uma vida humana, e a par de seu conteúdo normativo, o caminho rumo ao autoconhecimento de um homem, são dados também sua direção e alcance. (Lukács, 2009, p. 82)

Na concepção de Georg Lukács, a arte é uma realidade visionária do mundo, sendo o romance uma manifestação que nasce com o período da modernidade, sua linguagem artística é consequentemente subjetiva ao tratar dos indivíduos modernos. Percebemos com isso, ao ler as narrativas de Milan Kundera, o fato “quase” impossível da fundamentação da leveza do ser. Entretanto, é equivocado concluir que não haja momentos significativos de nossas vivências da qual tenhamos a sensação de leveza. Viver a intensidade do momento e poder lembrar-se das experiências de outrora faz por constituirmos uma simbólica valorização de sentido da vida. O sentido dos acontecimentos se constitui a partir da nossa capacidade de retomá-las, ou seja, lembrar. A *memória poética* constrói o sentido de alguns acontecimentos da nossa vida e o torna mais leve, devido seu modo simbólico de interpretar.

Referências bibliográficas

- Adorno, Th. (2012). Notas de Literatura I. *O Ensaio como Forma* (pp. 15-45). Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34.
- Agamben, G. (2009). O que é o contemporâneo? *O que é o contemporâneo? E outros ensaios* (pp. 55-73). Trad. Vinícius N. Honesko. Chapecó, SC: Argos.
- Barroso, M. *A obra romanesca de Milan Kundera: um projeto estético conduzido pela ação do Don Juan*. (Tese de Doutorado). Disponível em: <<http://epistemologiadoromance.blogspot.com.br/>> Acesso em: 10 de setembro de 2015.
- Barroso, W. *Elementos para uma Epistemologia do Romance*. Artigo/Disponível em: <<http://epistemologiadoromance.blogspot.com.br/>> Acesso em: 5 de setembro de 2014.
- Barroso, W. (2014). *Os Sonâmbulos*, de Broch, e a metamorfose do romance. In P. Eyben (Org.), *Pensamento intruso: Jean-Luc & Jacques Derrida* (pp. 288-296). Vinhedo: Ed. Horizonte.
- Barroso, W. *Epistemologia do Romance: uma proposta metodológica possível para a análise do romance literário*. Artigo/Disponível em: <<http://epistemologiadoromance.blogspot.com.br/>> Acesso em: 5 de fevereiro de 2016.
- Deleuze, G. (1992). *O que é a Filosofia?*. Trad. Bento Prado Júnior. São Paulo: 34.
- Dilthey, W. (2010). *A constituição do mundo histórico nas ciências humanas*. Tradução de Marco Casanova. São Paulo: Editora UNESP.
- Foucault, M. (2009). *Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento (Ditos e escritos II)*. In M. Barros (Org.), *O que são as Luzes?* (2ª ed., pp. 335-351). Trad. Inês Autran Dourado. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Heidegger, M. (2007). *Nietzsche I*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- Heidegger, M. (2011). *A Caminho da Linguagem* (5ª ed.). Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Horkheimer, M. (1975). *Textos Escolhidos. Teoria Tradicional e Teoria Crítica* (pp. 125-164). Org. Zeljko Loparié e trad. José Lino. São Paulo: Abril Cultural.
- Kant, I. Resposta à pergunta: O que é o Iluminismo? Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/kant_o_iluminismo_1784.pdf> Acessado em: 10 de dezembro de 2014.
- Kundera, M. (1988). *A Arte do Romance*. Trad. Teresa Bulhões Carvalho. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

- Kundera, M. (1986). *A Brincadeira*. Trad. Fonseca, Teresa Bulhões Carvalho da. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Kundera, M. (1985). *A Insustentável Leveza do Ser*. Trad. Fonseca, Teresa Bulhões Carvalho da. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- Liotard, J-F. (2013). *A Condição Pós-Moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Nietzsche, F. (2001). *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lukács, G. (2009). *A Teoria do Romance*. Trad. José Marcos Mariani. São Paulo: Editora 34.
- Lukács, G. (2010). *Marxismo e Teoria Literária*. Trad. Carlos Coutinho. São Paulo: Expressão Popular.
- Machado, R. (2010). *Deleuze: a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Paulino, I. Entre a criação literária e o conhecimento: aproximações epistemológicas na obra de Hermann Broch e as três faces da degradação dos valores. (Tese). Disponível em: <<http://epistemologiadoromance.blogspot.com.br/>> Acesso em: 10 de setembro de 2015.
- Paulino, I. Um olhar sobre a degradação dos valores humanos a partir da obra Os Sonâmbulos, de Hermann Broch. (Dissertação). Disponível em: <<http://epistemologiadoromance.blogspot.com.br/>> Acesso em: 10 de setembro de 2015.
- Piketty, Th. (2014). *O Capital no século XXI*. Trad. Monica Baumgarten. Rio de Janeiro: Intrínseca.
- Saramago, J. (2013). *Da Estátua à Pedra e Discursos de Estocolmo*. Belém: Ed. UFPA.
- Saramago, J. (1995). *Ensaio Sobre a Cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Saramago, J. (2010). *As Palavras de Saramago*. Org. Fernando Aguilera. São Paulo: Companhia das Letras.
- Todorov, T. (2012). *A Literatura em Perigo* (4ª ed.). Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel.
- Todorov, T. *A Democracia e a Beleza*. Disponível em: < <http://vimeo.com/64838893> > Acessado em: 10 setembro 2013.

Resumo

O presente artigo apresenta a Epistemologia do Romance, proposta de Wilton Barroso Filho, refletindo sobre sua constituição como fundamento metodológico, pensamento da sensibilidade e o seu espírito científico. O referencial teórico de pesquisa é: epistemológico, estético e hermenêutico. Compreendemos, concordando com Georg Lukács e Milan Kundera, que o romance é obra oriunda da Modernidade e que sua arte compõe elementos racionais. Com isso, nosso objetivo de pesquisa é encontrar as escolhas estéticas do autor José Saramago, analisando os temas fundamentais de sua obra e a invariância que há na sua arquitetura literária. Consideramos, a obra romanesca saramaguiana constituinte de um estilo estético ensaístico e que se aproxima, filosoficamente, com o materialismo-dialético da Teoria Crítica. Concluímos que a literatura é um importante referencial para compreendermos o *ser-aí* em que, na concepção de Heidegger, havia sido esquecido pelos filósofos ao longo da História europeia.

Abstract

This article presents the Epistemology of Romance, proposed by Wilton Barroso Filho, reflecting on its constitution as methodological foundation, sensibility thinking and its scientific spirit. The theoretical reference of the research is: epistemological, aesthetic and hermeneutic. We understand, in agreement with Georg Lukács and Milan Kundera, that the novel is a work derived from Modernity and that its art composes rational elements. With this, our objective of research is to find the aesthetic choices of the author José Saramago, analyzing the fundamental themes of his work and the invariance that there is in his literary architecture. We consider the Saramaguian romanesque work to be an essayistic aesthetic style that approaches, philosophically, the materialism-dialectic of Critical Theory. We conclude that literature is an important reference for understanding the being-there in which Heidegger's conception had been forgotten by philosophers throughout European history.